

Bets

Apostas online agravam inadimplência e afetam o varejo

Só no primeiro semestre de 2024, mercado das bets retirou R\$ 1,1 bilhão do comércio no Brasil

Marina Mugnol

Até pouco tempo, quando se falava em concorrência no varejo, a preocupação recaía sobre outras redes ou diferentes canais de venda disputando a preferência do consumidor. Hoje, um novo concorrente tem alterado essa premissa: as bets, plataformas virtuais de apostas de quota fixa.

Desde 2018, com a aprovação da Lei nº 13.756, que legalizou e estabeleceu diretrizes para apostas esportivas e cassinos virtuais, a forma como os brasileiros destinam sua renda tem mudado expressivamente, o que já produz reflexos diretos na economia do País como um todo.

Segundo dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), só no primeiro semestre de 2024, as bets retiraram R\$ 1,1 bilhão do consumo do varejo nacional.

Dentro dessas plataformas, há duas formas de apostar dinheiro: uma por meio de adaptações digitais de videogames e caça-níqueis, como o caso do “jogo do tigrinho”, e as apostas esportivas, em que o usuário dá um palpite e, se ele estiver correto, recebe o valor apostado multiplicado pelas odds – cotação definida no momento da aposta. Em caso de erro, todo o dinheiro colocado é perdido.

Segundo dados da Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (SBVC), o futebol é a principal modalidade nas apostas esportivas, com público majoritariamente

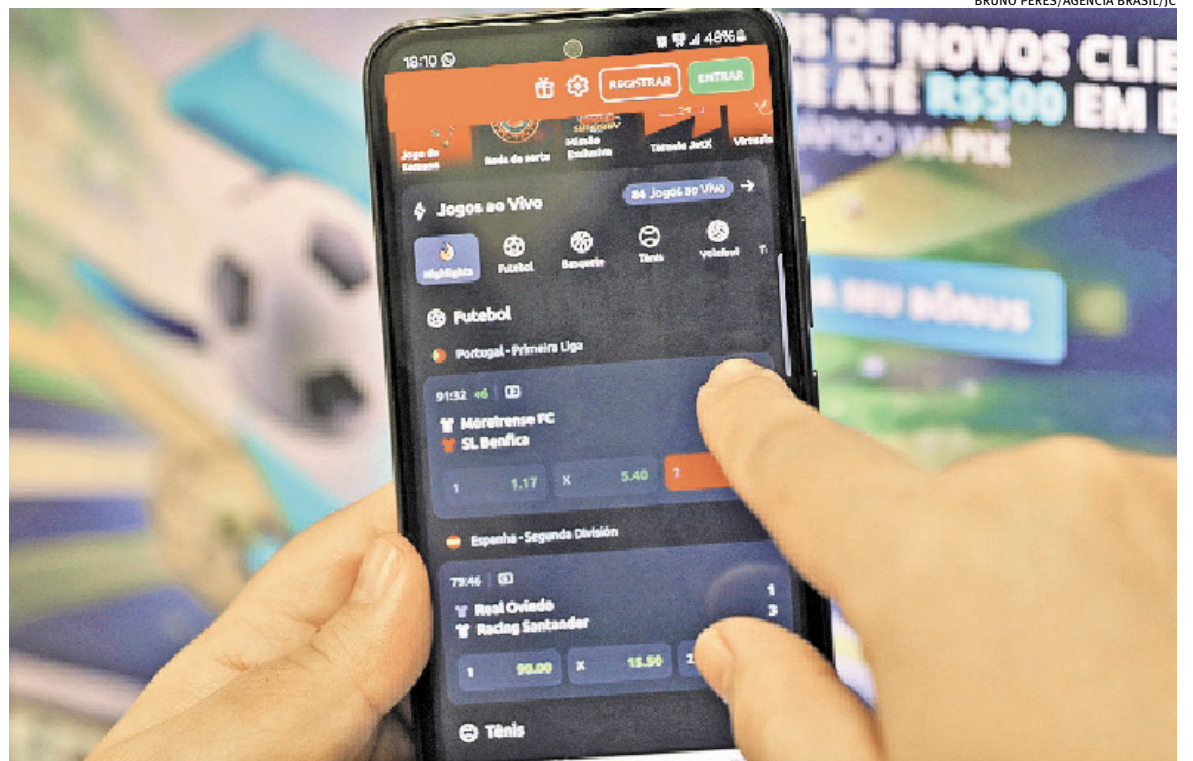
masculino. Já nos cassinos online, predominam mulheres.

Nesse sentido, Izete Bagolin, doutora em Economia e professora dos programas de Pós-Graduação em Economia do Desenvolvimento e Serviço Social da Pucrs, destaca que, independentemente do estilo da aposta, o objetivo está inteiramente no enriquecimento do proponente da bet, e não do apostador.

“As propagandas e as estratégias de marketing que promovem as bets são feitas para atrair apostadores sem que eles saibam as reais probabilidades e estatísticas do jogo. E é exatamente essa lógica que tem gerado cada vez mais preocupação, pois retiram recursos que poderiam movimentar a economia por meio do consumo, de investimentos e de poupanças”, explica.

De acordo com a pesquisa da CNC, considerando somente o primeiro semestre de 2024, os cassinos online colocaram 1,3 milhão de brasileiros em situação de inadimplência. Além disso, entre junho de 2023 e junho de 2024, o gasto total com apostas online somaram cerca de R\$ 68,2 bilhões entre os brasileiros. Esse valor representa 0,62% do Produto Interno Bruto (PIB), 0,95% do consumo total das famílias e cerca de 22% da massa salarial do país.

Nesse sentido, Aline Vieira, especialista em Educação Financeira da Serasa, confirma o aumento de brasileiros inadimplentes nos últimos anos e destaca que “essas situações são multifatoriais e podem ser causadas tanto por fatores macroeconômicos, relacionados à taxa de juros, à taxa de desemprego, perda de renda, inflação, como também a



Futebol é a principal modalidade de aposta, com maior parte do público masculino; mulheres são maioria jogando em cassinos online

fatores microeconômicos, relacionados à maneira com que os brasileiros lidam com suas finanças. Apesar disso, ainda assim, as bets aparecem como um dos principais fatores agravantes desse cenário, que já está em um momento delicado”, explica.

Segundo Bagolin, o problema é ainda mais grave entre a população de baixa renda. “Muitas pessoas deixam de enxergar no trabalho uma possibilidade de melhor qualidade de vida e passam a acreditar que as apostas representam um caminho para ascensão financeira. No entanto, na maioria das vezes, essa realidade muda para pior. A pessoa se endivida e reduz seu padrão de consumo”, alerta.

Como consequência, diz a economista, o comércio perde

fôlego e a economia desacelera, diminuindo oportunidades de trabalho e afetando até quem nunca apostou.

Nesse sentido, o estudo da CNC explica que os impactos sobre o varejo brasileiro ainda são incertos, mas podem reduzir em até 11,2% a atividade do setor, o equivalente a uma perda anual de R\$ 117 bilhões em faturamento.

Essa perda reflete diretamente no desenvolvimento econômico do País como um todo. Segundo Bagolin, as apostas não constituem um setor com capacidade de gerar empregos e produzir efeito multiplicador na economia. “Os jogos de azar enriquecem um grupo muito restrito de pessoas. Muitas dessas plataformas sequer são administradas por brasileiros;

parte delas pertence a empresas estrangeiras ou a grandes investidores que não reinvestem esses recursos na economia real. O objetivo é o lucro, e não a geração de desenvolvimento”, destaca.

Para ela, esses efeitos econômicos devem aparecer principalmente no médio e no longo prazo. “O dinheiro destinado às bets deixa de circular na economia real. Ele não financia novos investimentos, não impulsiona o consumo e nem fortalece a produção. Como o PIB representa justamente esse fluxo de circulação de recursos, quando parte significativa desse dinheiro sai da economia ou se concentra em um grupo muito pequeno de pessoas, o impacto tende a ser negativo para o crescimento econômico do País.”

Jogos de azar e bets também causam impacto psicológico

Além dos impactos econômicos e financeiros, especialistas alertam para efeitos psicológicos das apostas online. Segundo Denise Milk, psicóloga especialista em gestão do comportamento, as bets exploram mecanismos neurológicos ligados à produção de dopamina, neurotransmissor responsável pela sensação de recompensa.

“O nosso cérebro busca recompensas constantemente. As redes sociais foram projetadas para estimular esse comportamento,

e as bets estão inseridas nesse mesmo contexto. Elas se tornam uma grande armadilha porque o prazer não está necessariamente em ganhar, mas na expectativa de ganhar. Essa expectativa faz com que a pessoa queira repetir a experiência cada vez mais, e é assim que surgem os comportamentos compulsivos”, conta.

Milk explica que jogos de azar sempre existiram – o que mudou foi a facilidade de acesso. “Antes era necessário ir até um cassino, uma

casa de jogos ou mesmo procurar um cambista do jogo do bicho. Existiam barreiras de tempo e deslocamento. Hoje basta pegar o celular. A facilidade e a rapidez tornam esse tipo de aposta muito mais acessível e perigosa”, alerta a psicóloga.

É justamente por conta desse imediatismo que muitas pessoas têm deixado de consumir produtos e serviços e passado a direcionar parte de sua renda às apostas. “As bets aliviam de forma imediata o sofrimento de alguém compulsivo

ou que busca uma recompensa rápida. Se você compra um produto pela internet, precisa esperar a entrega. Se vai a uma loja física, existe um intervalo entre o desejo e a recompensa. Na bet, esse ciclo acontece instantaneamente. Em poucos segundos a pessoa já experimenta a expectativa de ganhar, o que torna esse comportamento muito mais atraente”, explica.

Nessa linha, o aumento da inadimplência provocado pelo uso excessivo das apostas deve ser

encarado como questão de saúde pública, sustenta Milk. “Esse tema ainda recebe pouca atenção porque envolve um mercado bilionário. As bets patrocinam clubes, campeonatos, estádios e atletas. Existe muito capital envolvido. Mas o Brasil já convive com altos índices de ansiedade, depressão e burnout. Somos uma população vulnerável ao adoecimento mental e, nesse contexto, as apostas funcionam como combustível para um problema que já existe”, alerta.